

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo
Professor orientador: Duda Bentes

Caminho da Felicidade

Fotodocumentário sobre a creche neo-humanista Ananda Marga

Ananda Borges Pimentel

Brasília- DF, junho de 2015

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo
Professor orientador: Duda Bentes

Caminho da Felicidade

Fotodocumentário sobre a creche neo-humanista Ananda Marga

Ananda Borges Pimentel

Memorial referente a projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social sob orientação do professor Duda Bentes.

Brasília - DF, junho de 2015

Caminho da Felicidade

Fotodocumentário sobre a creche neo-humanista Ananda Marga

Ananda Borges Pimentel

Brasília - DF, junho de 2015

Membros da Banca Examinadora

Prof. Me. Duda Bentes (Orientador)

Prof^ª. Dra. Susana M. Dobal Jordan

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

Prof^ª. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva

À minha mãe, **Iara Borges**, dedico não apenas este trabalho, mas tudo que conquistei antes dele e tudo que conquistarei depois.

Agradecimento

A Prabhat Ranjan Sarkar – por me inspirar tanto amor, desde que fomos apresentados;

À minha mãe, Iara Borges – por ter me dado todas as condições necessárias para chegar até aqui e por ter sido minha editora desde o começo da faculdade;

Ao meu pai, Alexandre Pimentel – por me mostrar que a fé, o amor e a alegria de viver superam tudo sempre;

Ao meu marido, Pedro Piccolo – por todo dia me fazer ver que eu posso ser mais forte do que imaginava poder;

Ao meu orientador, Duda Bentes – por ter aceitado o desafio de me guiar, mesmo ao estar enfrentando seus próprios desafios;

À Rafaella Felix e Kelsiane Nunes – por estarem sempre presentes e dispostas a me ajudar. Com certeza este curso teria sido difícil sem a companhia delas;

À Didi Jaya – por ter me hospedado em sua casa e por ter aberto a creche para meu trabalho;

À Danielle Nascimento, Damayantii – por toda ajuda e disponibilidade antes, durante e depois da minha visita à creche;

Às crianças da creche Ananda Marga – por terem sido elas mesmas e terem, assim, colaborado para meu trabalho; e

Ao Bidu e à Amora – por me levarem para passear quando eu estava com a cabeça cansada.

Tava dravyam jagad guro tubhyam eva samarpaye

(Tudo no universo a ti pertence e somente a ti eu tudo entrego)

Resumo

Este memorial apresenta o processo de planejamento, produção e edição do fotodocumentário “Caminho da Felicidade” que mostra, por meio de fotografias e legendas, como é o ensino neo-humanista oferecido na creche pública Ananda Marga, localizada na periferia da cidade de São Paulo. O fotodocumentário está disponível em um blog e apresenta o que a creche oferece de mais incomum em relação às demais creches brasileiras, como aulas de ioga, meditação, alimentação vegetariana e ensinamentos baseados na filosofia chamada neo-humanismo.

Palavras-chave: fotodocumentário; blog; jornalismo online; neo-humanismo; educação infantil; creche

Abstract

This memorial presents the process of planning, production and edition of the "Path to Happiness" photodocumentary, that shows, through photos and subtitles, how is the neo-humanist way of teaching offered at the public kindergarden Ananda Marga, located at the suburb of São Paulo city. The photodocumentary is available at a blog and presents what the kindergarden offers of most uncommon in comparison to other brazilian kindergardens, such as yoga classes, meditation, vegetarian food and teachings based in the philosophy known as neo-humanism.

Keywords: photodocumentary; online journalism; blog; neo-humanismo; childhood education; kindergarden;

Sumário

Apresentação	9
Justificativa.....	10
Objetivos.....	12
Geral.....	12
Específicos	12
Referencial Teórico	13
Fotografia: do nascimento ao jornalismo.....	13
Fotojornalismo ou fotodocumentarismo?	15
Blog e o jornalismo <i>on-line</i>	16
Pauta.....	17
Metodologia.....	19
Produto.....	19
Público-Alvo	20
Ideia Inicial	20
Escolha da creche.....	20
Fotografias	20
Entrevistas.....	22
Desafios	23
Projeto editorial	24
Divisões	24
Seleção das Fotografias	24
Tratamento	26
Textos-legendas	26
Tipografia.....	28
Resultados e perspectivas	28
Considerações finais.....	30
Referências bibliográficas	32
Anexos.....	34

1. Apresentação

Este memorial é referente ao produto *Caminho da felicidade*, um fotodocumentário sobre o Centro de Educação Infantil (CEI) Ananda Marga, localizado na Comunidade Peri Alto, na cidade de São Paulo. O produto está disponibilizado em um blog¹ jornalístico sobre educação, criado e a ser mantido pela própria pesquisadora.

O CEI Ananda Marga é uma creche na periferia da cidade de São Paulo que existe há 11 anos e hoje recebe 111 crianças de um a três anos em período integral. Seu diferencial está no fato de oferecer às crianças atividades e práticas que não são muito convencionais em creches brasileiras, como ioga, meditação, alimentação vegetariana e também ensinamentos baseados em uma teoria chamada neo-humanismo, criada na Índia em 1982, pelo filósofo Prabhat Ranjan Sarkar. A creche é administrada pela associação beneficente sem fins lucrativos *Ananda Marga Universal Relief Team*, a AMURT (Ananda Marga equipe de auxílio universal), que é parte de uma organização sócio-espiritual fundada na Índia em 1955.

Para embasamento deste produto, fez-se necessária uma reflexão sobre fotografia, fotojornalismo, fotodocumentário e jornalismo *on-line*, caracterizando-os para utilizá-los da melhor e mais correta forma, entendendo a contextualização histórica e social do surgimento de cada um, suas evoluções e adaptações para chegar à forma e utilização que encontramos hoje e que é objeto deste produto: um fotodocumentário que prioriza a transmissão de informações por meio de imagens e legendas, baseado no jornalismo *on-line* e, mais especificadamente, no jornalismo para blogs.

Como o produto será disponibilizado em um blog, achou-se relevante também a caracterização desse suporte, apropriado há não muito tempo por jornalistas para a prática da profissão e que ainda é, de certa forma, controverso e polêmico por suscitar a questão do jornalismo opinativo e subjetivo e todas as mudanças e adaptações que ele vem trazendo ao jornalismo tradicional.

Ainda ancorado nessas adaptações pelas quais o jornalismo vem passando, surge também a discussão sobre a utilização da fotografia documental e do fotodocumentário como forma de expressão do fotógrafo e como um meio que fotógrafos tradicionais e até mesmo

¹ <http://anandaborges1.wix.com/devir>

fotojornalistas encontraram para trazer ao mundo seus pontos de vistas e visões particulares sobre o mundo.

A compreensão mais aprofundada sobre a teoria e a educação neo-humanistas antes da produção do fotodocumentário também teve relevância para se entender o território em que estava entrando e para compreender as práticas da creche Ananda Marga.

2. Justificativa

A produção do fotodocumentário *Caminho da felicidade* justifica-se, em primeiro lugar, porque, segundo Thaís Jorge (2008), o tema educação, ensino, escola, cursos, cultura, métodos educacionais por si só já possui relevância no campo da comunicação e é considerado um importante critério de noticiabilidade, na medida em que desperta o interesse público e influencia em várias outras áreas da sociedade, como governo, família, infância, emprego etc..

E, quando esse tema traz exemplos de métodos educacionais diferentes, inusitados, exóticos, desconhecidos pela maior parte das pessoas, como é o caso da educação neo-humanista, torna-se ainda mais relevante, pois lança a possibilidade de iniciar debates acerca de como são os métodos utilizados atualmente na educação pública e se a escola tem conseguido cumprir seu papel social formador não apenas de profissionais para o mercado de trabalho, mas principalmente de seres humanos preparados para lidar com o próximo e suas diversidades.

Eu sempre tive um grande interesse pela fotografia, mas foi durante a graduação, na disciplina “introdução à fotografia”, que tive meu primeiro contato com a parte teórica dela. Isso aumentou minha possibilidade de experimentação, pois poderia testar vários efeitos e registrar uma cena da forma como quisesse, sem estar refém do automatismo da câmera. A partir desse momento, passei a me dedicar mais à prática fotográfica.

Coincidentemente, ao mesmo tempo em que tive esse contato mais aprofundado com a fotografia na faculdade, em meu trabalho, na Câmara dos Deputados, surgiu uma vaga para fotógrafo. Mesmo sem ter experiência alguma, fui convidada a assumi-la. Essa possibilidade me fez aprimorar bastante meu olhar e aumentar meu interesse na área, o que foi complementado com a disciplina “fot Jornalismo” na faculdade.

Nessa etapa, eu já tinha escolhido a fotografia como campo profissional. Em outras disciplinas, como “campus online” e “campus impresso”, sempre que possível, assumia

funções ligadas a ela. E, mesmo tendo focado grande parte de meu caminho acadêmico na fotografia, ainda assim sentia a necessidade de experimentá-la mais profundamente.

E assim surgiu a ideia deste fotodocumentário, que se justifica como forma de praticar a fotografia em um projeto mais longo, onde pude testar todas as etapas de produção, desde o planejamento até a redação dos textos-legendas e a edição. Também se justifica por levantar a reflexão sobre as diferenças entre fotojornalismo e fotodocumentarismo, tanto na prática fotográfica quanto na parte escrita que acompanha as fotos, levantando também o debate sobre o texto jornalístico tradicional e as mudanças que ele vem sofrendo com sua inclusão no mundo virtual.

Meu interesse por educação infantil e por métodos alternativos de educação e minha relação com a teoria neo-humanista e com seu criador, o indiano P. R. Sarkar, também foram pontos fortes na hora de escolher a pauta sobre a qual esse produto se basearia.

3. Objetivos

3.1. Geral

Produzir um fotodocumentário sobre o Centro de Ensino Infantil Ananda Marga, como forma de exercício da fotografia e experimentação do jornalismo *online*, mais especificamente do jornalismo em blog. O fotodocumentário mostra o que a creche oferece de mais incomum em relação à maioria das creches brasileiras.

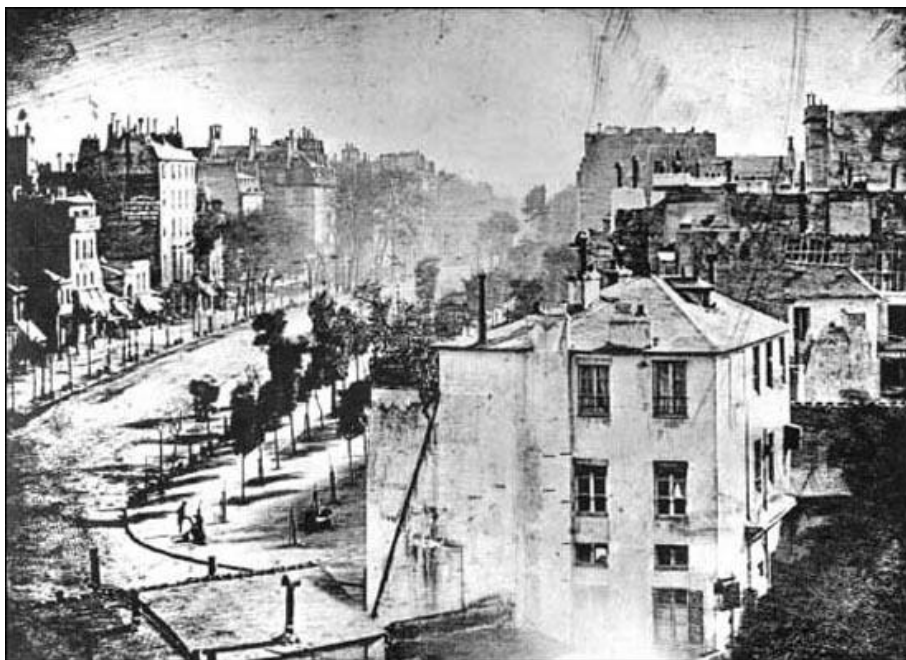
3.2. Específicos

- Experimentar todas as possibilidades de aprendizagem no processo de planejamento, produção e edição de um fotodocumentário, entendendo seu conceito, seu histórico e sua prática.
- Experimentar a fotografia ao mesmo tempo como um meio jornalístico de transmissão de informação e um meio de expressão pessoal.
- Experimentar o jornalismo *on-line* como uma nova forma do fazer jornalístico e todas as possibilidades que ele oferece, reconhecendo as mudanças e adaptações que ele trouxe ao jornalismo tradicional.
- Conhecer mais profundamente e apresentar a educação neo-humanista como uma forma alternativa para educação.

4. Referencial Teórico

4.1. Fotografia: do nascimento ao jornalismo

A fotografia nasceu no contexto da Revolução Industrial, no século XIX, na época em que várias novas tecnologias também estavam sendo desenvolvidas, como a locomotiva a vapor e o telégrafo. Os primeiros protótipos do que viria a ser uma câmera fotográfica foram desenvolvidos concomitantemente pelos franceses Joseph Nicéphore Niépce e Louis Jacques M. J. M. Daguerre. Tratava-se de grandes equipamentos que exigiam cerca de oito horas de exposição para conseguir capturar uma imagem. Mais tarde, Daguerre aperfeiçoou as técnicas e desenvolveu um equipamento que reduziu o tempo de exposição para aproximadamente 10 minutos: o daguerreótipo, que utilizava uma placa de metal banhada de prata.



Boulevard du Temple, Paris, 1838. Foto Louis Jacques M. J. M. Daguerre

Mesmo tendo reduzido consideravelmente o tempo de exposição, ainda assim era muito difícil fazer foto de pessoas, pois qualquer movimento delas borrava a imagem. Para serem fotografadas, elas deveriam permanecer imóveis na mesma posição por todo o tempo necessário. Como na foto de Daguerre (acima) no Boulevard du Temple, em Paris em 1838,

considerada o primeiro registro fotográfico em que aparecem seres humanos. Nesse exemplo, duas pessoas aparecem no canto inferior esquerdo: uma estava agachada engraxando os sapatos da outra, permanecendo, assim, parados bastante tempo. Nessa foto, a cidade parece deserta porque os transeuntes não foram registrados, exatamente por causa do longo tempo de exposição.

No ano de 1846, foi inventada a técnica do colódio úmido, que conseguiu reduzir o tempo de exposição para menos de dois ou três segundos, permitindo a captura de movimentos. Assim, os fotógrafos poderiam registrar episódios conforme ocorriam e suas fotos poderiam servir de testemunho deles.

Tentativas de se registrar e documentar um acontecimento e de levá-lo a público, com a clara intenção testemunhal, já eram visíveis em algumas destas chapas, como no daguerreótipo de George Barnard, de 1853, retratando um incêndio em Nova Iorque. (MUNHOZ, 2005, p. 24)

Assim, a fotografia passou a servir como comprovação da existência de determinados acontecimentos. Essa função foi possível principalmente porque, desde que foi inventada, ela carregava em si a ideia de ser cópia fiel da realidade, um espelho que registra tudo tal como se apresenta, sem interferência alguma do fotógrafo, considerado mero manuseador da máquina.

A fotografia, tida como documento fiel da realidade, contribuiu para a construção de uma imagem ‘objetiva’ do eu e do outro; como algo que conduzia ao conhecimento das coisas, um documento de primeira mão, bruto, quente, da vida ali impressa. Colada ao seu referente, a fotografia fala aos sentidos, à visão propriamente dita, e ganha junto ao senso comum o estatuto de idoneidade, da qual a subjetividade humana se afasta, deixando somente a ação do real sobre a substância. (BENTES, 2001, p. 191)

A fotografia, então, apoiada em seu atributo de cópia fiel daquilo que registra, começou a ser utilizada por jornais impressos para ilustrar e confirmar o que era informado no texto. “O jornalismo foi, assim, uma das primeiras atividades a socorrer-se da fotografia, ao funcionar como prova, beneficiando-se do efeito-verdade” (MUNHOZ, 2005, p. 24).

Dessa forma, a fotografia ganhou força na imprensa, na medida em que o leitor passou a querer observar os acontecimentos e a considerar como verdade aquela informação publicada que estivesse acompanhada por uma imagem. Assim, donos de jornais começaram a investir em fotógrafos e na utilização de fotografias em suas publicações, pois elas eram determinantes para o leitor na hora de escolher qual jornal comprar.

4.2. Fotojornalismo ou fotodocumentarismo?

A ideia inicial para este produto era mostrar a creche Ananda Marga por meio de fotografias, e o primeiro nome que surgiu em minha mente foi “fotojornalismo”, por isso decidi fazer uma fotorreportagem. Procurando referências bibliográficas sobre o tema, deparei-me com dois conceitos: de um lado, fotojornalismo; de outro, fotodocumentarismo.

Lendo sobre a diferença entre eles, percebi que deveria mudar o conceito do trabalho, que não poderia ser mais fotorreportagem, e sim fotodocumentário. Para chegar a essa conclusão, adotei a definição dada por Jorge Pedro Souza (2000) em seu livro *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*.

Souza divide o fotojornalismo em dois sentidos: lato e restrito. Para ele, num sentido lato, mais amplo, o fotojornalismo é caracterizado por sua intenção, que é realizar fotografias com a finalidade de informar, interpretar, documentar ou simplesmente ilustrar um texto. Segundo o autor, esse sentido

[...] pode estender-se das spot news (fotografias únicas que condensam um representação de um acontecimento e seu significado) às reportagens mais elaboradas e planejadas, do fotodocumentarismo às fotos ‘ilustrativas’ e às feature photos (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos nas suas deambulações). (SOUZA, 2000, p. 11)

Assim, nesse sentido, o autor avalia que fotojornalismo e fotodocumentarismo podem ser sinônimos, porque possuem a mesma finalidade, considerada por Susana Dobal como “o comprometimento com a busca da verdade e o desejo de trazer a público um tema de relevância social” (DOBAL, 2012, p. 2).

Já no sentido restrito, Souza distingue fotojornalismo de fotodocumentário, pois a forma de se chegar ao produto final e mesmo o próprio produto são diferentes em cada caso. O autor considera que fotojornalismo “visa informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (‘opinar’) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalísticos” (SOUZA, 2000, p. 12), ou seja, o foco está nas notícias momentâneas, naquilo que deve ser registrado e publicado com o mínimo possível de tempo, para que não perca sua atualidade ou relevância.

Ao contrário, o fotodocumentário, segundo Souza, não precisa dessa velocidade característica do jornalismo, pois geralmente trata de assuntos com validade mais estendida, que possuem importância e relevância por prazo indeterminado. Dessa forma, sem a pressão do tempo, o fotodocumentarista consegue planejar melhor seu trabalho, estudar o assunto,

analisar as condições, traçar estratégias, pensar em ângulos, em equipamentos necessários, em pontos de vista, etc..

Seguindo o mesmo raciocínio, Susana Dobal afirma que

o termo fotografia documental refere-se ao uso da fotografia tanto acompanhando uma notícia em veículos de imprensa – nesse caso denominado em geral de fotojornalismo - como ensaios fotográficos de temas mais amplos e não necessariamente relacionados a um acontecimento específico, como o que rege a notícia. (DOBAL, 2012, p. 2)

Então, conforme exposto acima, com base nos conceitos de Souza e Dobal, utilizo o termo fotodocumentário para definir o meu trabalho, como um ensaio fotográfico sobre um tema específico que não tem delimitações temporais, nem causais, mas que possui comprometimento com a verdade.

4.3. Blog e o jornalismo *on-line*

Ao contrário de uma fotorreportagem, que já nasce destinada a ser publicada em um meio jornalístico, segundo Lombardi (2007),

O fotodocumentarista não precisa necessariamente ter um local pré-definido para a divulgação do seu trabalho. Ele pode desenvolver seu trabalho a longo prazo e posteriormente escolher o meio mais adequado para a sua divulgação, seja na mídia – onde deve procurar acompanhar o processo até o momento da paginação – ou em livros, websites e exposições. (LOMBARDI, 2007, p. 48)

A decisão por disponibilizar o fotodocumentário *Caminho da felicidade* em algum espaço na internet surgiu de forma natural, pois meu interesse era de que o maior número possível de pessoas, em diferentes localidades, tivesse acesso ao produto de forma gratuita, o que não seria possível caso disponibilizasse em um livro, por exemplo.

De acordo com Gabriela Freitas (2009), a internet seria o melhor meio para alcançar meu objetivo, pois, segundo ela,

Uma das maiores transformações sofridas pela fotografia com o advento da internet foi o aumento das possibilidades de circulação da imagem em escala global. A fácil acessibilidade a esses sites fez com que milhões de usuários em todo o mundo passassem a colocar as suas imagens online tornando possível a pessoas de países e culturas diferentes terem acesso à produção imagética uns dos outros e trocarem ideias sobre essas imagens. (FREITAS, 2009, p. 69)

Decidida que colocaria na internet, comecei a pesquisar alguns sites e encontrei o Wix (www.wix.com), que oferece diversos modelos gratuitos para sites. Testei alguns deles, mas não fiquei satisfeita, uma vez que não passavam a ideia de produto jornalístico e mais

parecia que eu estava fazendo um site para a creche e não algo sobre ela. Foi assim então que surgiu a ideia de um blog.

Juntando meu grande interesse por educação, principalmente pela infantil, com a produção deste trabalho final, com o incentivo de meu orientador, decidi que faria um blog sobre educação, cuja primeira postagem seria meu fotodocumentário sobre a creche neo-humanista Ananda Marga, e depois continuaria atualizando com novidades sobre educação e tudo que estiver relacionado ao tema, mostrando modelos alternativos de ensino, escolas que possuem algum diferencial, experiências que deram e dão certo, projetos que se destacaram por algum motivo, curiosidades, raridades, diversidades etc.

Desde que migrou para o ambiente virtual, o jornalismo vem sofrendo diversas mudanças e adaptações. “Nasceram outros espaços de mídia para a produção de notícia, entre eles o jornalismo online e particularmente o blog. A ferramenta está possibilitando novas práticas informativas, o rompimento com padrões criados pelo jornal impresso e a mídia audiovisual” (LEONEL, 2010, p. 2).

O jornalismo *online* também adquiriu algumas características do blog, como maior autonomia na linguagem, podendo utilizar-se de tom mais informal. O processo de produção da notícia também sofreu alterações, pois “o blogueiro, como *publisher* de si mesmo, é o responsável por todas as etapas de edição da notícia. Salvo em exceções, no weblog jornalístico não há o processo de edição tal qual aquele que se manifesta (ou se manifestava) em outros meios” (FOLLETO, 2009, p. 4).

Essas adaptações do jornalismo ao mundo web, mais especificamente ao mundo do blog, corroboraram minha escolha, uma vez que eu poderia experimentar todas as etapas do jornalismo e do fotodocumentarismo, desde a fase de planejamento e produção até a fase de montagem, edição e revisão e também teria mais liberdade para trabalhar uma linguagem mais informal e pessoal e colocar minha subjetividade, sem, contudo, deixar de lado a preocupação jornalística com a verdade.

4.4. Pauta

Conforme visto acima, a pauta de um fotodocumentário não necessita ser “quente”, ou seja, atual, sobre um assunto que esteja em voga no momento, pois ele se propõe

a tratar de questões que são praticamente atemporais, que têm o prazo de validade longo e que continuam relevantes mesmo depois de terem acontecido ou mesmo que seja algo que ainda não terminou.

Mas, mesmo com essa liberdade de trazer ao público fatos antigos ou assuntos que não têm importância momentânea, estes devem ter relevância ou algum fator que justifique sua publicação e que atraia a atenção do observador, ou seja, mesmo não se tratando de uma notícia, o tema escolhido para ser fotodocumentado deve ter algum “valor-notícia”, um critério de noticiabilidade.

O valor-notícia é um conjunto de características que desperta a atenção, provoca o interesse ou confere relevância a determinados fatos que serão reunidos sob a forma de um produto específico do jornalismo - a notícia. (JORGE, 2008, p. 28)

Thais de Mendonça Jorge, em seu livro *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*, divide o valor-notícia em dois grupos: valores fundamentais e valores temáticos. Os fundamentais seriam aqueles critérios básicos do jornalismo, da notícia momentânea: atualidade, proximidade e notoriedade. Já os temáticos englobam assuntos que são interessantes para serem publicados, mas que podem ter temporalidade imediata ou mais alongada, como “mistério: o desconhecido, o inexplicado, o fantástico, novas descobertas, o raro, o inusitado, o exótico; e educação: ensino, escola, cursos, cultura, métodos educacionais.” (JORGE, 2008, p. 30), para citar apenas os exemplos dados pela autora que possuem relação com o presente trabalho.

Assim, o fotodocumentário *Caminho da felicidade* apresenta a creche pública na periferia de São Paulo chamada “Ananda Marga”, nome em sânscrito que significa “caminho da felicidade”. O foco do trabalho foram as atividades diferenciadas que a creche oferece às crianças da periferia, como aulas de ioga, meditação, alimentação vegetariana, massagem relaxante e ensinamentos de amor e respeito por todas as pessoas e também por tudo que existe, desde animais e plantas até seres inanimados, como pedras, minerais e a água.

A creche é administrada pela associação beneficente *Ananda Marga Universal Relief Team*, a AMURT (Ananda Marga Equipe de Auxílio Universal), que é parte de uma organização sócio-espiritual criada na Índia em 1955. Todos ensinamentos e práticas da creche são baseados em uma filosofia indiana chamada “neo-humanismo”, criada em 1982 por Prabhat Ranjan Sarkar.

Segundo seu criador, o neo-humanismo ultrapassa o que é defendido no humanismo, uma vez que não leva em conta apenas o desenvolvimento e bem-estar dos seres

humanos, pois oferece uma visão universalista de integração e inclui a relação do ser humano com todos os outros seres vivos, como os animais e plantas, e também com os seres inanimados, como minerais e a água.

Quando o espírito subjacente ao humanismo se expande a todas as coisas deste universo, inanimadas ou animadas; a isto eu denomino ‘neo-humanismo’. Este neo-humanismo elevará o humanismo ao estágio do universalismo, o culto do amor por todos os seres criados deste Universo. (SARKAR, 1982, p. 28)

A educação neo-humanista tem o intuito de desenvolver integralmente os seres humanos, tanto nos aspectos intelectual, social e físico, quanto no emocional, psicológico e espiritual, mas não com a intenção de ser apenas uma ponte para o sucesso pessoal e financeiro, e sim como uma forma de preparar as pessoas para servirem ao mundo. De acordo com Hugo Miura (2013),

“Sarkar destaca a importância da difusão do conhecimento e a conscientização das massas, além da ampliação de uma educação que permita às pessoas conhecer as suas próprias capacidades e desenvolver seus talentos. Todas estas potencialidades humanas e também os recursos e riquezas disponíveis para a produção da vida em sociedade são para todas as pessoas.” (MIURA, 2013, p. 29)

5. Metodologia

5.1. Produto

O produto realizado como projeto final foi o fotodocumentário *Caminho da felicidade* sobre o Centro de Ensino Infantil Ananda Marga, localizado na cidade de São Paulo. O produto é composto por fotografias e legendas que apresentam a creche e todo seu diferencial na educação de crianças de um a três anos e foi disponibilizado como a primeira postagem de um blog de educação feito na plataforma “wix” (<http://anandaborges1.wix.com/devir>) que foi criado especificamente para o produto, mas a ideia é que ele continue sendo atualizado, mesmo após a apresentação à banca. O blog trará tudo que for relacionado à educação, escolas, métodos alternativos, experiências diferentes, projetos que fizeram e fazem diferenças, exemplos de professores que se destacaram por algum motivo, entre diversos outros assuntos. A intenção é trazer esses assuntos por meio de grandes reportagens, fotorreportagens e vídeos.

5.2. Público-Alvo

O blog e suas postagens são direcionados para todas as pessoas que têm interesse em educação de uma forma geral, pois ele trará novidades e curiosidades desde a educação infantil até a de jovens, adultos e idosos. O foco também estará em pais e mães que procuram conhecer métodos alternativos de educação para seus filhos. E também para professores que desejam adicionar novos elementos e encontrar novas formas de ministrar suas aulas.

5.3. Ideia inicial

A ideia inicial era fazer um fotodocumentário sobre as escolas neo-humanistas mostrando o trabalho realizado em São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte com educação infantil e ensino fundamental. Porém, por viabilidade econômica e tempo, decidi focar apenas nas quatro creches de São Paulo, duas na Zona Norte e duas na Zona Sul. Mas, ao chegar a São Paulo, percebi que havia pouca ou nenhuma diferença entre as creches e que não se fazia necessário fotografar todas. Ficou resolvido, então, que o produto seria focado na creche do Jardim Peri Alto.

5.4. Escolha da creche

A creche do Jardim Peri Alto foi eleita porque foi a primeira creche para onde fui levada pela Didi Jaya, coordenadora das creches, logo que cheguei a São Paulo, quando eu ainda estava com a ideia de falar sobre as quatro creches da cidade. A ideia era ficar dois dias em cada uma. Quando conheci as outras creches e percebi que não havia muita diferença entre elas, eu já estava entrosada com as crianças, professores e funcionários da unidade de Peri Alto e eles já estavam acostumados com minha presença e com a câmera.

5.5. Fotografias

Os primeiros dias na creche foram utilizados para adaptação com as crianças e professores e observação das atividades realizadas. No primeiro dia eu apenas interagi com as

crianças, ajudando nas atividades, na alimentação e nos cuidados. No segundo dia, eu continuei apenas na interação, mas desta vez com a câmera pendurada no pescoço, para que as crianças se sentissem atraídas e curiosas por esse novo objeto e se familiarizassem com ele. Eu mostrei o que era, o que fazia, como funcionava e os deixei inclusive apertar alguns botões. Aos poucos, a câmera foi deixando de ser novidade e as crianças foram perdendo o interesse por ela. Essa estratégia foi boa porque a partir do terceiro dia eu comecei a fotografar e as crianças estavam à vontade com a câmera e não se distraíam com ela.

Esse tipo de integração com os fotografados é tão importante, que até Sebastião Salgado investe nela.

Salgado tem uma maneira peculiar de desenvolver uma integração com seus fotografados. É uma espécie de pesquisa participante: ele se integra na cultura, partilha dos hábitos daquelas pessoas, torna suas lentes familiares aos outros olhares. (FORIN JÚNIOR e BONI, 2007, p. 84)

No primeiro dia que fotografei, não usei o flash com medo de chamar a atenção das crianças e atrapalhar as atividades, mas, como as salas não eram muito bem iluminadas, as fotos estavam ficando subexpostas. Eu conversei com as professoras e elas me autorizaram a utilizar o flash. Num primeiro momento, as crianças olhavam muito e se dispersavam, mas depois se acostumaram e nos dias seguintes eu já estava quase invisível a eles, mesmo usando o flash.

Segundo o livro *Documentary Photography* (1972), da *Life Library of Photography*, o fotógrafo Lewis Hine, que fotografou crianças trabalhando em péssimas condições em fábricas nos Estados Unidos na primeira década do século passado, também teve dificuldades em manter as crianças espontâneas diante da câmera, “um de seus maiores problemas era manter as crianças à vontade mesmo quando surpreendidas por uma explosão do flash de pó de magnésio”² (DOCUMENTARY..., 1972, p. 56, tradução nossa). Para conseguir, ele também investia uma parte do seu tempo fazendo amizade com as crianças.

Todas as fotos do fotodocumentário foram feitas com a câmera Nikon D7000, um flash SB900, uma objetiva 55-200mm e uma 18-55mm. A escolha dessas objetivas foi com a intenção de não usar lentes muito grandes que chamassem a atenção das crianças, mas que ao mesmo tempo tivessem um zoom com um bom alcance para que fosse possível registrar cenas

² “One of his biggest problems was to keep the children at ease even when startled by a burst of magnesium flashlight powder”.

de longe, sem interferir me aproximando. E uma grande angular capaz de registrar cenas mais abertas, com grupos maiores.

Em todas as fotos foi utilizado o flash rebatido no teto para resultar numa luz indireta, mais suave, natural e difundida. Como o teto era branco, não influenciou na cor da luz, não distorcendo, assim, a cor das fotografias. O balanço de branco foi mantido no automático, mas com a compensação de um ponto de azul porque as imagens estavam puxando um pouco para o amarelo.

Como próprio de creches e estabelecimentos infantis, todos os ambientes eram bastante coloridos e prevaleciam as cores primárias (vermelho, amarelo e azul) e suas cores complementares (verde, magenta e laranja), o que contribuiu demais com o contraste das fotografias, dando um tom infantil, alegre e divertido às fotos, passando bem o clima da creche.

Sempre no final do dia, as fotos eram transferidas para o computador e mantidas no cartão de memória. Também foi criado um *backup* em um HD externo.

5.6. Entrevistas

As entrevistas com os professores e funcionárias eram realizadas principalmente nos intervalos, horário de almoço ou na hora do sono das crianças, quando eles estavam mais disponíveis. Com as mães conversei na hora da saída, quando elas iam buscar seus filhos.

Conversas com as crianças foram realizadas durante as atividades e na hora do almoço, entretanto nada pôde ser aproveitado, pois elas se reduziam e responder “sim” e “não” e, quando eu usava a estratégia de fazer uma pergunta na qual não cabia nenhuma dessas duas respostas, as respostas eram curtas do tipo: “você gosta da aula de ioga?” “sim.” “Por que você gosta?” “Porque é legal.” E não conseguia evoluir a conversa para além disso.

Já as entrevistas com a Didi Jaya, a coordenadora das creches e maior fonte de informações, foram feitas no trajeto casa-creche e em casa, pois fui convidada por ela a me hospedar em sua casa nesse período em que estive realizando o trabalho, o que foi muito bom porque tive bastante tempo para conversar com ela e conhecer bem os detalhes dos projetos.

Todas as entrevistas foram realizadas em forma de diálogo, para que o clima ficasse mais descontraído e os entrevistados, mais à vontade. As conversas eram gravadas

com o celular, ao mesmo tempo em que eu fazia anotações em um caderno. Depois os áudios foram transcritos e separados por tema e pessoa.

5.7. Desafios

Na produção do fotodocumentário, encontrei alguns desafios que me ensinaram bastante e me deram bastante experiência na prática da fotografia e do jornalismo.

O primeiro foi o medo de ser assaltada e de roubarem meu equipamento. Logo que cheguei a São Paulo e fui recebida pela Didi Jaya, ela me alertou a respeito dos perigos da cidade, acredito até que de certa forma exagerada, dizendo para eu não tirar o celular da bolsa quando estiver na rua ou dentro do ônibus e tomar muito cuidado para ninguém ver minha câmera e coisas do tipo, que me fizeram ficar insegura. Esse foi um dos motivos também por eu não ter fotografado fora da creche.

A única oportunidade em que me arrisquei a fotografar na rua foi na feira, no dia da coleta (quando voluntários da creche vão pedir doações ou comprar por um preço mais barato aqueles alimentos que não foram vendidos no final da feira). Mas não sem medo. Eu tirei a câmera rapidamente da mochila e comecei a fotografar o que estava por perto sem pensar muito nos enquadramentos. Só que eu estava com a lente 55-200mm e não consegui pegar cenas gerais da feira, só cenas mais aproximadas e não tive coragem de trocar de lente lá. Assim, tirei algumas fotos, guardei a câmera e fui embora bem rápido.

Essa experiência de medo me fez refletir que eu poderia ter me programado melhor para fotografar lá na feira. Já sabendo que teria medo, poderia ter analisado a situação e ter encontrado cenas boas para serem fotografadas antes de tirar a câmera da mochila. E poderia também ter me planejado antes de sair de casa, já colocando a objetiva adequada.

Outra situação foi dentro da creche, onde várias professoras me pediram para não serem fotografadas. Em um primeiro momento fiquei bastante chateada. Mas aceitei e isso me fez pensar em várias formas de fotografar a turma e as atividades sem que essas professoras aparecessem. Foi um bom exercício de percepção de ângulos e de composição. Mas, por ter ficado chateada no começo, acabei não perguntando o porquê de essas professoras não quererem ser fotografadas, o que considerei uma falha do ponto de vista jornalístico, uma vez que poderia ter alguma informação importante por trás disso.

6. Projeto editorial

6.1. Divisões

Para dar ritmo e tornar a visualização do fotodocumentário mais fluida, decidi dividi-lo em oito partes, que são as principais características que diferenciam a creche Ananda Marga da maioria das creches brasileiras e os personagens que fazem parte desse trabalho:

1. A creche: faz uma introdução e traz alguns dados, como data de fundação, números de alunos e valores recebidos pelo convênio;
2. Os princípios: explica os princípios da educação neo-humanista, nos quais a creche se baseia, as práticas e os ensinamentos;
3. As aulas: mostra as atividades oferecidas às crianças e as formas utilizadas para transmitir conhecimento;
4. A alimentação: apresenta a forma diferenciada como as crianças se alimentam, a forma como a prefeitura lidou com isso e os esforços da creche para garantir a alimentação diária;
5. A responsável: conta a história da Didi Jaya, monja responsável pela creche, e todos seus esforços para sustentar e manter a qualidade no acolhimento das crianças;
6. Os professores: mostra a opinião dos professores sobre a filosofia seguida e um pouco das experiências deles;
7. As funcionárias: apresenta duas funcionárias que se destacam na creche; e
8. As mães: traz a opinião das mães e as experiências dos filhos desde que entraram na creche.

6.2. Seleção das Fotografias

Como já esperava, a hora de escolher as fotografias que entrariam no fotodocumentário foi uma fase bem difícil, assim como o é para quase todos os fotógrafos.

Zé Paiva disparou sua Nikon D300 umas dez mil vezes. Só que isso cria outro problema: editar o material. Zé não sofreu muito para chegar às mil e poucas, mas daí às míseras 156 que entraram na

edição, foi um parto. “Nessa fase é interessante discutir com outras pessoas a seleção – no meu caso, o designer. Outra solução é ter um editor ou um curador, alguém com experiência e que não tem o apego às fotos que o fotógrafo tem”, recomenda.

Eu passei pela mesma sensação de parto que o fotógrafo Zé Paiva, narrada por Alcides Mafra em uma reportagem no site iPhotoChannel³, mas em proporções menores. Tirei ao todo 664 fotografias e publiquei apenas 44 no fotodocumentário.

Para conseguir chegar a esse número, precisei passar por quatro etapas de seleção. Primeiro dei uma olhada geral e excluí as tecnicamente inviáveis, como as sub ou superexpostas, as desfocadas, as fora de enquadramento e aquelas que expunham negativamente algum personagem. Em seguida passei à primeira seleção daquelas que poderiam entrar no trabalho, resultando em 125 fotografias. Depois fiz uma segunda seleção, tentando escolher as que melhor traduziam o clima da creche e que continham mais informações, restando 59 fotos. Por último, separei as fotos de acordo com as divisões propostas (alimentação, aulas, práticas, Didi Jaya, Professores, funcionários e mães) e, assim, dentro de cada categoria, consegui selecionar as que se encaixavam melhor.

O “apego às fotos que o fotógrafo tem”, citado pelo fotógrafo Zé Paiva na reportagem do site iPhotoChannel, foi meu maior obstáculo. Foi bem difícil, mas, com o auxílio de meu orientador, consegui ultrapassá-lo. Tinha fotos que eu simplesmente adorava, principalmente por sua estética, mas que não tinham argumentações suficientes para entrar no projeto e eu tive que rejeitá-las. Embora eu não tenha deixado de lado a estética, dei preferência àquelas fotos que traziam mais informações a respeito da creche.

Para me ajudar na seleção das fotografias, comecei utilizando o programa Adobe Lightroom 5.4, que oferece uma ferramenta de classificação de fotos por meio de estrelas, que vai de uma a cinco estrelas. Porém, como não me adaptei a esse recurso, preferi criar várias pastas (Fotos > 1ª seleção > 2ª seleção > 3ª seleção) e ir adicionando as fotos selecionadas em cada uma delas. Assim, consegui me organizar melhor e o fluxo de trabalho seguiu mais suave.

³ <http://iphotochannel.com.br/index.php/natureza/da-ideia-ao-papel-o-caminho-de-um-projeto-fotografico/>

6.3. Tratamento

Para tratar as fotos, utilizei o programa Adobe Photoshop CS4. Foram feitas modificações no nível, no brilho e no contraste de algumas fotos e aplicado um filtro de nitidez em todas para padronização.

Para colocar no blog, diminuí todas para a resolução de 72 dpi. Dessa forma, elas ficaram mais leves e passaram a carregar mais rapidamente.

6.4. Textos-legendas

Desde o começo do projeto, considerei ser de grande relevância utilizar de textos para complementar as informações contidas nas fotografias, pois segundo Paulo César Munhoz, Jorge Pedro Souza e outros autores, não há fotojornalismo sem a presença de uma linguagem verbal.

Para uma imagem jornalística ser efetivada como discurso não pode se utilizar apenas de sua força icônica. Para que seja compreendida para além do seu poder descritivo e se tornar eficaz como produtora de sentido ela precisa estar associada a um texto verbal, a um conjunto de marcas informativas que explicitam nela (a fotografia) elementos espaciais e temporais. (MUNHOZ, 2005, p. 15)

Assim, ficou decidido que as fotos viriam acompanhadas de texto. Faltava, agora, decidir de que forma eles seriam.

Segundo Jorge Pedro Sousa (2002), o texto que acompanha uma fotografia pode ter várias funções, dentre elas, simplesmente descrever a imagem ou também complementar a informação que ela traz. Como minha intenção era de adicionar informações, considerei que a legenda simples poderia me oferecer pouco espaço para isso, pois “legenda é uma frase curta, enxuta, que normalmente cumpre duas funções: descreve a ilustração, empregando de preferência o verbo no presente, e também dá uma informação sobre o fato veiculado na notícia.” (NASCIMENTO E TOREZANI, 2009, p. 5).

Resolvi, dessa forma, que utilizaria “textos-legendas”, que são “uma ampliação da legenda e contém as principais informações sobre o assunto” (Ibid., p. 5). Com eles, eu teria a liberdade para adicionar mais informações para complementar o sentido das fotografias e de maneira não tão comprimida como deveria ser caso decidisse utilizar legendas normais.

O fotodocumentarista Sebastião Salgado, em sua entrevista para o programa *Roda Viva*⁴, afirmou que “uma fotografia é muito mais que uma fração de segundo, é uma história completa ali dentro, para frente e para trás”, entretanto, o congelamento de um instante não é suficiente para trazer todas essas informações que estão contidas em seu contexto e que são importantes para a compreensão da fotografia e do fato que registra, corroborando, então, para reforçar a necessidade de ela ser acompanhada por um texto.

Nesse sentido, a legenda traz informações relevantes que estão por trás do registro fotográfico que não poderiam ser inferidas com a simples análise dele.

“Trata-se de um fora-do-quadro contextualizador: cria para o leitor a possibilidade de, vendo apenas uma imagem - a foto presente -, visualizar um quadro virtual, ou cena, com elementos espacial e temporalmente não expressos na imagem.” (SANTOS, 2005, p. 1090)

Outro ponto que comprova a necessidade de legenda é o fato de que, assim como os fotógrafos colocam suas referências, crenças e vivências na hora de tirar uma foto, ou seja, “fotografam com as ideologias que trazem consigo” (SOUSA, 2000, p. 226), também o observador as coloca na hora de observar. Dessa forma, se não houver uma legenda para guiar seu entendimento, a mensagem pode perder o sentido original e a compreensão pode ficar prejudicada.

Gabriela Freitas (2009) confirma o que foi exposto até agora, na medida em que considera que “a imagem pode despertar diferentes interpretações e tanto o texto quanto o layout da publicação em que a foto será inserida têm papel fundamental na sua contextualização e futuro entendimento dessa imagem por parte do leitor.” (FREITAS, 2009, p. 21)

Em resumo, no fotodocumentário *Caminho da felicidade* foram utilizados, para adicionar informação às fotografias, textos-legendas, que são textos maiores e mais explicativos do que as legendas simples, porém menos extensos que um texto narrativo jornalístico tradicional. De qualquer forma, houve esforço no sentido de disponibilizar um texto com bastantes informações conforme o conceito de Santos (2005). Para o autor, a legenda “apresenta uma estrutura paralela à da notícia, preocupando-se em especificar dados ligados ao acontecimento, referindo elementos de um lide: o que, quem, onde, quando.” (SANTOS, 2005, p. 1089)

⁴ Programa Roda Viva com Sebastião Salgado, <https://www.youtube.com/watch?v=IL3Ou7KhI3A>, gravado em 16/09/2013.

6.5. Tipografia

A preocupação principal com relação à tipografia utilizada nos textos-legendas e nos demais textos do blog foi facilitar a leitura, encontrar uma forma que deixasse o texto leve, fluido e com boa legibilidade.

Assim, procurei auxílio nas bibliografias sobre o assunto e me baseei no livro *Tipografia* de Gavin Ambrose e Paul Harris (2011) para tomar minhas decisões.

Segundo os autores, os tipos podem ser classificados em quatro categorias: góticos, romanos, grotescos e escriturais. Na categoria dos romanos, estão todas aquelas fontes serifadas. Serifas são prolongamentos nas hastes das letras, que funcionam como uma ligação entre elas, o que contribui para facilitar a leitura. As serifas “ajudam o olho a seguir a trilha entre as letras, e este é o motivo pelo qual elas são normalmente utilizadas em textos longos.” (AMBROSE; HARRIS, 2011, p. 40).

Assim, dentre as opções de fontes oferecidas no site Wix, decidi que deveria escolher uma com serifa. Selecionei, assim, a *Corben*, uma fonte relativamente nova, criada em 2011. Suas formas arredondadas lembram as fontes utilizadas em histórias infantis, passando, assim, uma impressão de infância que caracteriza bem o blog *Devir*, pois se trata de um blog sobre educação infantil.

Decidi também utilizar capitulares no começo de cada parágrafo, pois “são elementos que chamam a atenção e podem afetar drasticamente a aparência de um bloco de texto.” (AMBROSE E HARRIS, 2011, p. 78) E realmente senti essa diferença. Como o fotodocumentário ficou extenso, estava achando meio monótonas aquelas caixas de textos embaixo das fotografias. Com a capitular, os textos se tornaram mais dinâmicos e atrativos.

7. Resultados e perspectivas

Deste trabalho resultou o fotodocumentário *Caminho da felicidade*, produto que apresenta o Centro de Educação Infantil (CEI) Ananda Marga na cidade de São Paulo. Por meio de fotografias e legendas que trazem informações adicionais, são mostradas as diferenças que tornam a creche digna de ser ressaltada dentre as demais creches da cidade.

Para publicação do trabalho, foi criado o blog jornalístico focado em educação *Devir*, onde o fotodocumentário *Caminho da felicidade* foi disponibilizado como primeira publicação. A ideia do blog é trazer novidades sobre educação, modelos de educação alternativa e experiências que se destacam por algum motivo nesse campo.

A perspectiva é que este produto não se resuma a um trabalho de conclusão de curso, mas que continue a existir mesmo depois de apresentado à banca examinadora, mantendo-se sempre atualizado, apresentando novidades e servindo como uma base profissional pessoal para exercício da reportagem.

8. Considerações finais

A produção deste fotodocumentário foi de grande relevância para minha formação profissional, uma vez que me proporcionou experiências tanto na parte teórica quanto na prática.

Na parte teórica, estudei a história da fotografia e pude aprofundar o contato com diversos conceitos da comunicação, como fotojornalismo, fotodocumentarismo, jornalismo *online*, blog jornalístico e as mudanças que o texto jornalístico vem sofrendo com a influência da internet.

Conheci melhor a história da fotografia e os caminhos que ela percorreu para alcançar o *status* que tem hoje, de não ser uma mera cópia do real, mas de trazer em si os conceitos, crenças, paixões e ideologias do fotógrafo, conforme descreveu Ansel Adams, fotógrafo norte-americano, ao afirmar que “você não faz uma fotografia apenas com uma câmera. Você traz até a fotografia todas as imagens que você viu, todos os livros que leu, todas as músicas que ouviu, todas as pessoas que amou.”

Sendo a fotografia, então, um recorte do real e, até mesmo, uma construção do que se considera real, o fotógrafo pode utilizar de seus conhecimentos para subverter a técnica e transmitir a mensagem que deseja da forma que lhe convém, como fizeram William Klein, em seu livro *New York*, e Robert Frank, em *The Americans*, que utilizaram enquadramentos diferenciados e imagens desfocadas, entre outros efeitos.

Para a produção deste trabalho, precisei me aprofundar também no conceito de fotodocumentário e entender o que o diferencia do fotojornalismo, assim cheguei à conclusão de que fotodocumentarismo é um tipo de fotojornalismo que tem mais liberdade de expressão, pois o fotodocumentarista pode escolher um tema com o qual se identifica ou que lhe provoque por algum motivo e pode trazê-lo a público colocando sua visão de mundo nele.

Dessa forma, muitos fotógrafos usaram o fotodocumentarismo para expor problemas sociais e forçar algum tipo de melhora, como fez Lewis Hine, fotógrafo norte-americano que denunciou, com suas fotografias, as precárias condições de trabalho de crianças em fábricas no século XIX. Com seu trabalho, Hine conseguiu provocar mudanças na legislação trabalhista dos Estados Unidos.

Na parte prática, a produção deste fotodocumentário me proporcionou acumular experiências que serão extremamente úteis na carreira fotográfica (seja jornalística ou

documental) que pretendo seguir, pois participei de todas as fases, desde a idealização da pauta até a parte editorial e montagem do blog, e pude sentir os desafios e exigências de cada uma delas, aprendendo a trabalhar um pouco em cada área.

Na questão técnica da fotografia, apurei meu olhar em relação a enquadramentos e na seleção de melhores cenas a serem fotografadas e aprendi a selecionar a luz de acordo com a mensagem que desejo transmitir. Como o fotodocumentário é sobre uma creche, escolhi utilizar iluminação que proporcionasse bastante contraste entre as cores, deixando a imagem um pouco subexposta e utilizando o flash rebatido no teto, consegui encontrar a melhor luz depois de vários testes com e sem flash e mexendo na abertura do diafragma e no tempo de exposição, o que me proporcionou mais agilidade na hora de manusear essas opções.

A convivência diária com as crianças e com outras pessoas da creche foi também de grande importância, já que pude acompanhar de perto a rotina e conhecer mais profundamente todas as práticas realizadas lá, o que não seria possível caso tivesse passado apenas um dia. Essa imersão também colaborou para que eu desenvolvesse uma estratégia de contato com as crianças e as deixasse mais à vontade com minha presença.

O contato mais próximo com Didi Jaya, coordenadora da creche, que me convidou para ficar hospedada em sua casa nesse período, facilitou meu levantamento de informações, pois eu pude conversar com ela nos deslocamentos para a creche e na casa dela de noite e no final de semana.

Na parte escrita, optei por utilizar textos-legendas, que são legendas mais longas e com mais informações. Não quis utilizar legendas redundantes que simplesmente narrassem o que a foto estava mostrando, mas sim que trouxesse dados complementares. Assim, esforcei-me para levantar o maior número de informações, por meio de entrevistas, e tive oportunidade de reunir etapas aprendidas durante o curso como apurar, escrever, editar e narrar.

Assim, com este fotodocumentário, pude realizar meu desejo de produzir um trabalho mais longo e mais detalhado que me proporcionasse experiências tanto no campo da fotografia quanto no campo jornalístico, possibilitando minha atuação em diversas etapas da produção, desde o planejamento da pauta até a redação e edição dos textos e montagem do blog.

9. Referências bibliográficas

AMBROSE, Gavin. HARRIS, Paul. **Tipografia**. Editora Bookman. Porto Alegre, 2011.

BENTES, Duda. *Fotojornalismo: a fotografia como expressão tecno-imaginária*. In: **Comunicação: Discursos, Práticas e Tendências**, pág. 177-194. Editora Rideel. São Paulo, 2001.

DOBAL, Susana. **Sete sintomas de transformação da fotografia documental**. In: Revista Ícone, v. 14, n° 1. Universidade de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em revistaicone.hipermoderno.com.br/index.php/icone/article/view/186/160. Acessado em 15/03/2015

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **Apontamentos sobre edição e redação no blog**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/leonardo_feltrin_foletto.pdf. Acessado em 28/04/2015

FORIN JÚNIOR, Renato; BONI, Paulo César. **Aspectos valorativos no fotodocumentarismo social de Sebastião Salgado**. In: Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 12. 2007.

FREITAS, Gabriela Pereira. **Dos bancos de imagem às comunidades virtuais: Configurações da linguagem fotográfica na internet**. 2009. Dissertação (mestrado em comunicação). Universidade de Brasília, Brasília. 2009. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4983>, acessado em 29/03/2015

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. Editora Contexto. São Paulo, 2008.

LEONEL, Teresa. **O blog como ferramenta jornalística: o que muda no processo de produção da notícia**. In: 6º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2010. Disponível em <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Teresinha-de-J.-Leonel-da-Rocha.pdf>. Acessado em 28/04/2015

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. 2007. Dissertação (mestrado em comunicação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf> Acessado em 12/03/2015

LUSVARGHI, Luiza; ZARATTINI, Mônica. **A função informativa da legenda fotográfica: o massacre de Realengo**. In: Discursos fotográficos, Londrina, v.8, n.12, p.53-78. 2012.

MIURA, Hugo Koji. **Corpo espaço-tempo na escola: uma abordagem Neo-Humanista**. 2013. Dissertação (graduação em pedagogia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013. Disponível em www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000922466. Acessado em 08/05/2015

MUNHOZ, Paulo César Vialle. **Fotojornalismo, internet e participação**. 2005. Dissertação (mestrado em comunicação). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11311/1/dissert%20Paulo%20Munhoz.pdf> Acessado em 13/04/2015

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito; TOREZANI, Julianna Nascimento. **O texto-legenda e a fotografia: informação textual e imagética no jornalismo on-line**. In: I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. Ilhéus - BA. 2009. Disponível em http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-04.pdf Acessado em 15/04/2015

SANTOS, Jorge Viana. **Operadores de tempo em enunciados de legendas jornalísticas**. In: Estudos Linguísticos XXXIV, p. 1087-1092. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista – BA. 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Editora Letras Contemporâneas. Florianópolis, 2000.

Life Library of Photography. **Documentary Photography**. New York: Time Life, 1972.

Anexos


Print screen do blog

Um novo olhar sobre educação

Início Eventos Quem somos Contato

Caminho da felicidade

Ananda Benes




Centro de Educação Infantil (CEI) *Ananda Marga*. Uma creche. Um lugar de convivência. Um ambiente que se propõe a incentivar o desenvolvimento físico, emocional, mental e até mesmo espiritual das crianças. Alimentação vegetariana, aulas de ioga, meditação. Tudo muito diferente do que costumamos ver na maioria das creches brasileiras, não é mesmo?

...
[Leia Mais](#)

Posts Recentes

- Caminho da felicidade
19 de 2, 2015
- Vamos começar!
19 de 15, 2015

Vamos começar!



Olá! Sejam todos bem-vindos ao **Espaço Devir!**

Este blog surgiu como resultado do trabalho de conclusão do curso de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB) e que temos o desejo de continuar e expandir e levar novidades a diversos outros cantos do Brasil e do mundo!

Nossa ideia é divulgar novidades sobre educação e tudo que estiver relacionado...

[Leia Mais](#)

Sugira uma pauta!

Tags

Ananda Marga
Blog sobre educação Creche
Devir: Educação Educação Infantil
Mudança Neo-humanismo
Shantala Vegetarianismo ioga
meditação

149
ADVERTISE STAT

[✖ Crie um site no WIX](#)

Espaço Devir



Novo olhar sobre educação

[Início](#) [Eventos](#) [Quem somos](#) [Contato](#)

Caminho da felicidade

Ananda Marga



Centro de Educação Infantil (CEI) *Ananda Marga*. Uma creche. Um lugar de convivência. Um ambiente que se propõe a incentivar o desenvolvimento físico, emocional, mental e até mesmo espiritual das crianças. Alimentação vegetariana, aulas de ioga, meditação. Tudo muito diferente do que costumamos ver na maioria das creches brasileiras, não é mesmo?

O CEI é administrado pela associação beneficente sem fins lucrativos Amurt - Ananda Marga Universal Relief Team (equipe de auxílio universal), que faz parte de uma organização sócio-espiritual fundada na Índia em 1955, também chamada *Ananda Marga*.

Nós passamos uma semana imersos nesse ambiente para conhecer melhor suas práticas e propostas. Venha com a gente ver mais de perto como funciona!

[A creche](#) [Os princípios](#) [As aulas](#) [A alimentação](#)
[A responsável](#) [Os professores](#) [As funcionárias](#) [As mães](#)

A creche

VOLTAR PARA MENU



O objetivo da creche é ser muito mais que um local onde mães e pais deixam os filhos para enfrentar suas jornadas de trabalho com tranquilidade. É ser aquilo que está registrado no próprio nome. "*Ananda Marga*" é uma expressão em sânscrito que significa "caminho da felicidade".



Localizado há 11 anos na comunidade do Peri Alto, na Zona Norte da cidade de São Paulo, o CEI recebe hoje 111 crianças de um a três anos em período integral (das 7h às 17h) e tudo de forma gratuita.



De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em março deste ano a fila de espera por uma vaga em creches públicas da cidade era de quase 106 mil crianças. Como a prefeitura não consegue suprir essa demanda, para amenizar a situação ela precisa firmar convênio com instituições educacionais sem fins lucrativos, como é o caso da creche *Ananda Marga*.



Assim, a prefeitura fornece alimentos e uma quantia mensal em dinheiro, que é calculada de acordo com o número de crianças atendidas. Hoje, a *Ananda Marga* recebe por volta de R\$570 por criança. Apesar de parecer muito, segundo Didi Jaya, responsável pela creche, esse valor não é suficiente para cobrir todos os gastos. Só com a folha de pagamento de professores e funcionários, são desembolsados quase R\$50 mil por mês, incluídos os encargos.



Mas, mesmo com as dificuldades impostas, a creche continua realizando seu trabalho. À primeira vista, parece ser uma creche normal como qualquer outra. Entretanto, as práticas, vivências e ensinamentos oferecidos às crianças no dia a dia a tornam diferente das demais e digna de nossa atenção. Vamos conhecê-los.

Os Princípios

[VOLTAR PARA MENU](#)



A creche e todas suas práticas são baseadas em uma filosofia chamada neo-humanismo, desenvolvida na Índia em 1982. Segundo seu criador, o indiano Prabhat Ranjan Sarkar, essa filosofia tem por objetivo tornar as pessoas mais conscientes de si e de sua importância no mundo, levando em conta os aspectos físico, mental, social e também espiritual e considerando que tudo que existe no universo, seja animado ou inanimado, é tão importante quanto os seres humanos.



O intuito da educação neo-humanista é fazer que a criança seja mais saudável, amorosa, solidária e mais ativa na sociedade e cresça conhecedora de suas potencialidades, adquirindo assim uma postura crítica, justa e ética.



A creche, por ter convênio com a prefeitura de São Paulo, deveria ser laica. Mas, como é administrada por uma associação que valoriza o aspecto espiritual, no dia a dia fala-se muito em Deus e utilizam algumas palavras, mantras, expressões e saudações oriundas da filosofia na qual se baseia. A prefeitura tenta coibir algumas dessas práticas, mas é o preço que paga por não conseguir assumir todas suas responsabilidades.



Antes de qualquer refeição, as crianças fazem um agradecimento em forma de canção: "muito obrigado, papai do céu, pelo café (almoço ou jantar) que vamos comer. *Namaskar!*". A expressão *Namaskar* é uma saudação em sânscrito que significa "eu te saúdo com toda pureza da minha mente e todo amor do meu coração". Normalmente é dita acompanhada de um gesto das mãos unidas, que tocam o ponto entre as sobrancelhas e em seguida o ponto no centro do peito.



Respeito e cuidado pelos colegas e por todos é uma das primeiras lições que eles aprendem. Se uma criança machuca de propósito um coleguinha, tem que pedir desculpas, fazer carinho e prometer que não vai machucar de novo, tudo é precedido de diálogo e sensibilização para que a criança entenda por que é errado aquilo que fez.



Toda manhã, ao chegarem na creche, as crianças realizam o "círculo do amor": sentados ao redor de uma vela, eles cantam musiquinhas de boas-vindas que estimulam o amor e o respeito. "Somos todos de uma família. Família de amor, família de amor." e "Eu sou o Sol, que espalha luz. Eu sou o Sol, que espalha amor. Faça sempre o bem, sem olhar a quem. Jeito sempre tem de amar e ajudar alguém." São exemplos de algumas das musiquinhas que cantam.



A meditação também está incluída entre as atividades que os pequeninos praticam logo cedo. "Meus olhinhos vou fechar porque eu vou meditar *Baba nam kevalam*. Tudo é amor de Deus". Assim começa a preparação para a meditação, que ocorre no círculo do amor. Mais uma expressão em sânscrito utilizada, "*Baba nam kevalam*" é um mantra que significa justamente o que eles recitam: "tudo é amor de Deus". A meditação é guiada pela professora, que incentiva visualizações: "Agora vamos imaginar uma estrelinha brilhando lá no céu, lá no alto. Todo mundo pega a estrelinha e coloca dentro do coração".



As práticas e experiências no dia a dia criam um clima de cooperação e evitam a competição entre as crianças. Elas aprendem a se colocar no lugar do outro e, com isso, tornam-se prestativas. Desde cedo, elas são incentivadas a ajudar as professoras e os coleguinhas em diversos momentos, como na hora de guardar os brinquedos ou quando algum coleguinha não consegue fazer algo sozinho. E elas demonstram ficar bem felizes quando conseguem ajudar.

As Aulas

VOLTAR PARA MENU



As aulas e atividades da creche privilegiam o desenvolvimento motor, sensitivo, emocional e afetivo. As crianças são incentivadas ao movimento, à criatividade e ao reconhecimento do próprio corpo. No entanto, não significa que o desenvolvimento intelectual seja deixado de lado, elas também aprendem as primeiras lições de alfabetização, mas tudo é transmitido de forma lúdica.



Dessa forma, as professoras transmitem ensinamentos mais concretos como o nome de cada criança, as partes do corpo e o nome dos animais e também noções mais subjetivas como amor, respeito, cuidados com a natureza e com todos os seres. Assim tudo é absorvido de forma suave e divertida.



Com teatro, fantoches, canções e outras atividades criativas, as professoras conseguem atrair a atenção das crianças, fazer com que elas se concentrem mais, participem e se interessem pelas atividades.



Entre as atividades ministradas, há também aula de música, que trabalha com canções e movimentos. O professor, Al Crispim, primeiro toca a música na flauta e depois canta e dança com as crianças. De acordo com o professor, a música estimula a coordenação motora e o ritmo e também prende a atenção, principalmente dos bebês do berçário, que normalmente choram mais e se dispersam com mais facilidade.



Por meio das canções, as crianças também tomam consciência do próprio corpo e aprendem o nome de cada parte dele. Aprendem também noções de direção como "em cima", "embaixo", "na frente", "atrás", sem contar que ainda se exercitam, se divertem e treinam a criatividade e concentração.



Na grade curricular, também está incluída aula de ioga uma vez por semana. De acordo com a filosofia seguida pela creche, as posturas influenciam na produção de hormônios e no sistema nervoso, ajudando a equilibrar as emoções e a aumentar o autocontrole. Dessa forma, as crianças ficam mais calmas e mais concentradas.



As aulas de ioga são baseadas em histórias que os próprios professores criam e, no decorrer delas, algumas posturas vão sendo sugeridas. Por exemplo, é contada a história de um gigante que morava em um lindo jardim cheio de árvores. E, assim, as crianças são orientadas a reproduzirem a postura da árvore. Esse é também um momento lúdico e muito divertido.



Os bebês do berçário, que ainda não praticam ioga, recebem uma massagem indiana chamada *Shantala*. Ao som de um *kiirtan* - mantra em forma de canção -, e com a sala suavemente iluminada, as professoras deitam os bebês só de fralda nos colchonetes, aquecem as mãos e, com a ajuda de um óleo, começam os movimentos. Sempre olhando os bebês nos olhos e transmitindo bastante tranquilidade a eles.



A *Shantala*, além de relaxante, também tonifica e fortalece os músculos, preparando o bebê para engatinhar e caminhar. Segundo a professora do berçário, Regina Célia, essa massagem é uma forma de acalmar as crianças e criar um vínculo com elas.



No entanto, nenhuma dessas aulas alternativas oferecidas é obrigatória. Se por algum motivo uma criança não quiser participar, tudo bem. Outra atividade é sugerida para preencher o tempo destinado àquela prática negada. Mas geralmente as aulas têm boa aceitação e participação.



Segundo Didi Jaya, responsável pela creche, não existe uma forma exata, já pronta e objetiva para compor as aulas. Tudo depende mais da intuição e dedicação dos professores. "Não é intelectual, é muito mais sutil", explica.

A alimentação



VOLTAR PARA MENU

A alimentação na *Ananda Marga* é um dos pontos que mais chama a atenção por ser muito diferente da maioria das creches. Lá as crianças recebem cinco refeições: café da manhã, lanche, almoço, outro lanche e jantar. Tudo da forma mais natural possível, muitas frutas, legumes, verduras, sucos e nada de carne - a creche é vegetariana, o que exclui do cardápio não só a carne bovina, mas também peixe, porco, frango e todos os derivados, como presunto e mortadela.



A prefeitura de São Paulo fornece, todo mês, arroz, feijão, óleo, açúcar, leite em pó, macarrão, uma caixa com maçã, mamão, limão e tomate. De acordo com a Didi Jaya, a quantidade enviada pela prefeitura é insuficiente para um mês inteiro. Além disso, há meses em que o envio atrasa ou não acontece. Então a creche precisa se desdobrar para colocar comida nos pratinhos das crianças.



Alguns feirantes já fazem doações regulares à creche. Todos os alimentos arrecadados servirão para preparar o cardápio da semana para as crianças, professores e funcionários, que também fazem as refeições por lá.



Todo os domingos, voluntários da creche chegam no finalzinho da feira no bairro Mandaqui para fazer o que eles chamam de "coleta", ou seja, pedir doações aos feirantes ou comprar por um preço mais barato aqueles produtos que não foram vendidos.



Como a creche serve um cardápio vegetariano, a prefeitura não envia carne para lá. Mas também não a substitui por outro produto. Então, para manter a qualidade nutricional das refeições, a creche compra alimentos complementares como soja, tofu (queijo de soja), salsicha e mortadela vegetais, glúten, palmito, queijo, entre outros.



Como sobremesa, as crianças recebem frutas frescas - mamão, laranja, maçã, banana, melão. Apesar de não receberem nada industrializado, nada de doces, nada de açúcar, elas parecem adorar e nem sentir falta das guloseimas convencionais. É tudo uma questão de incentivo e adaptação.



A pediatra da prefeitura tentou exigir que fosse incluída carne ou seus derivados no cardápio das crianças, mas para manter sua ideologia e continuar com a alimentação vegetariana, a creche precisou contratar um nutricionista para montar os cardápios e um médico pediatra para atestar que a alimentação sem carne não impede o crescimento e desenvolvimento normais da criança.



Além de carne e seus derivados, ovos, alho, cebola e cogumelos também não entram no cardápio das crianças. De acordo com a filosofia seguida pela creche, a composição desses alimentos influencia, agita e perturba a mente, deixando as pessoas agitadas e desconcentradas.

A responsável

VOLTAR PARA MENU



A filipina Didi Jaya é a responsável pelo funcionamento e gestão do CEI Ananda Marga. Desde que chegou ao Brasil, há 15 anos, ela dedica seu tempo quase que integralmente à creche e a outros quatro projetos que coordena em São Paulo. "Didi" é um termo em sânscrito que significa "irmã" e é utilizado para designar as monjas da *Ananda Marga*, uma organização sócio-espiritual, também criada por Prabhat Rainjan Sarkar, o mesmo criador da filosofia neo-humanista.



Quem acompanha a rotina da Didi Jaya por alguns dias fica impressionado. Logo cedo ela acorda, faz sua meditação e práticas espirituais e vai para a creche. Aí não para mais, fica o dia todo resolvendo pendências. Analisa documentos, faz prestação de contas, entrevista novos professores, sai para fazer compras, volta, orienta funcionários... E, mesmo com tantas demandas, ainda consegue tempo para interagir com as crianças. Apesar de tudo, ela diz gostar do seu trabalho e o encara como uma missão.



Como o valor recebido pelo convênio com a prefeitura não é suficiente para cobrir todos os gastos, e a Didi não recebe nenhum tipo de ajuda, nem mesmo dos próprios monges e monjas da organização que representa, as professoras da creche e alguns voluntários fabricam bonequinhas e outros artesanatos para vender em feiras. Eles também têm um bazar fixo onde vendem roupas e acessórios usados. E participam de eventos vendendo comidas, como o famoso churrasquinho vegetariano da Didi, à base de glúten e vegetais.

Os professores



No CEI *Ananda Marga*, há dez professores fixos, que ficam diariamente em sala de aula, e mais três professores eventuais, que dão aulas específicas (como música e dança) uma ou duas vezes por semana. Para ser professor na creche, o pré-requisito é ter graduação em pedagogia. Nenhuma formação adicional, no que diz respeito à teoria neo-humanista, é exigida. Todo ano, a Didi Jaya realiza um treinamento, onde convida educadores, monges e monjas para dar palestras e explicar sobre a filosofia e suas práticas.



Al Crispim, o famoso tio Al, é professor de música e o único da creche que já entrou conhecendo e praticando a filosofia. Ele é *marginii*, como é conhecido quem segue a filosofia da *Ananda Marga*. Com graduação e licenciatura em dança, trabalhou por 15 anos em uma companhia profissional de dança no Rio de Janeiro, viajando pelo Brasil e pelo mundo. Sem perspectivas de crescimento, resolveu aceitar o convite da Didi para dar aulas na creche, ainda que não soubesse direito como seria. Ele mesmo montou o plano de aulas e diz que se sente bem com a liberdade que tem para adicionar elementos às aulas. Mas ainda sonha em voltar aos palcos: "Viver de arte no Brasil é bem complicado, mas eu vivi. Agora quero viver de arte e educação", afirma.



A professora Regina Célia trabalha na creche há quatro anos. Ela não conhecia a filosofia antes de começar a trabalhar lá e passou a conhecer com os treinamentos oferecidos pela Didi. Foi nesses treinamentos que aprendeu a técnica da massagem Shantala que aplica nos bebês. Ela acredita que as práticas da creche colaboram para a tranquilidade das crianças.



Tia Rudneia (à esquerda) trabalha na creche como professora há quatro meses, mas ela começou lá como voluntária, quando teve a oportunidade de participar de um treinamento sobre a filosofia e de duas paradas pedagógicas (que são paradas mensais para planejamento, avaliação e formação de professores e funcionários). Ela vem de uma escola particular, onde, segundo ela, o ritmo era muito acelerado e ela se sentia sugada. Ela conta que o primeiro contato que teve com o CEI Ananda Marga foi um choque de ideias. "A importância que a filosofia dá ao ser humano em si é muito diferente. Aqui é como se cultuasse a vida. Nas outras escolas, o foco é no conteúdo intelectual", afirma.

AS FUNCIONARIAS



Danielle Nascimento é o braço direito da Didi Jaya. Ela também é *margin* (praticante da filosofia da Ananda Marga). Está na creche oficialmente há dois anos, mas trabalhou lá por mais de três anos como voluntária. A função dela é ajudar na parte administrativa, burocrática e jurídica, como documentação para renovação de convênio. E ela também não para! Passa o dia na creche, sai de lá, vai para a casa da Didi resolver mais coisas e, no domingo, ainda vai à feira fazer coleta. Ela diz que não se vê fazendo outra coisa e que acredita no trabalho da creche. "Faço por amor à filosofia e pela Didi de quem gosto tanto. Vejo a correria dela e acabo me envolvendo também", conta.



Erinete Bezerra, a tia Nete, trabalha na creche desde que tudo começou, há 11 anos. Então acompanha toda a luta da Didi para arrecadar dinheiro e manter a creche desde antes de ter convênio até agora, por isso valoriza muito todo trabalho realizado lá. Quando começou, como auxiliar de cozinha, não sabia nada sobre vegetarianismo. "Foi um começo bem difícil", conta, pois teve que aprender novos pratos e novas maneiras de temperar a comida, sem alho e cebola. Mas hoje já se diz acostumada e domina tudo bem. "A Didi me ensinou a técnica e eu fui aprimorando", afirma.

As mães

VOLTAR PARA MENU



O pequeno Henrique, de um ano e nove meses, está há apenas quatro meses no CEI. Sua mãe, Dione Silva, considera a proposta da creche muito interessante. "Criança já é agitada normalmente e, em contato com outra criança, fica mais agitada ainda, então a ioga ajuda a acalmar", afirma. Seu filho mais velho também foi aluno da creche e ela sentiu essa diferença: "ele era bem agitadinho, bem danadinho, e depois que veio pra cá ficou mais calmo". Com relação à alimentação, ela diz que não se importa pelo fato de o filho não comer carne durante o dia, mas em casa ela faz questão de dar.



O aluno Natã, de três anos, frequenta a creche desde que tinha um aninho. Sua mãe, Gisele Dione, diz que hoje gosta muito da proposta da creche e que não tem nada a reclamar, mas no começo achou tudo muito estranho. Ela nunca tinha praticado ioga, nem sabia o que era, então no dia das mães participou de uma aula oferecida pela creche e adorou. Ela conta que o Natã é bem diferente dos irmãos que não frequentaram a creche. "ele é mais esperto e mais independente", afirma.

Voltar para o topo